

# Vazio que é vazio, vazio que é procura. (Des)encontros. Procurar o (no) vazio no e pelo Rorschach (\*)

*ANA PAULA NASCIMENTO (\*\*)*

*MARIA EMÍLIA MARQUES (\*\*\*)*

## PENSAMENTOS SOBRE

A partir de uma experiência de trabalho como Psicóloga Clínica num Projecto de Luta Contra a Pobreza, deparámo-nos com inúmeras situações, histórias e sujeitos, misérias e desejos que quisemos pensar.

Encontrámos nos mitos continente para pensamentos/conteúdos despojados de sentido. A ponte entre a realidade externa, que dificilmente poderia ‘a frio’ ser pensada, foi-nos dada pela figura de Deméter e o seu caminho entre a onnipotência, a presença eterna, a criação, o sucumbir de tudo face à perda, à ausência da filha Perséfone.

Pensamos então Deméter, e o seu percurso, recorrendo ao pensamento de outros sobre a perda, o vazio, e a ausência. As teorias psicanalíticas sobre a melancolia, Abraham, Freud, Klein, a incorporação, Abraham e Torok, como forma de não pensar a ausência, e nada perder, porque

tudo pode estar dentro, e sujeito pode ser e ter objecto. O buraco negro de Grotstein, e vazios, nada sem continente, o nada centrípeto, que suga toda a energia psíquica para o interior do buraco negro que vai aumentando cada vez mais, e cada vez mais vai impedindo que algo possa ser pensado.

Procuramos, então, significar o sujeito que se (des)mobiliza numa procura, que parece ameaçar sempre com uma morte do desejo, que parece sucumbir numa procura esvaziada de sentido, numa procura caracterizada pelo desconhecimento do que se quer encontrar.

Pensamos a metodologia projectiva, especificamente o Rorschach, compreendendo as respostas dadas como o resultado de um processo comunicacional que se opera no mundo interno do sujeito e entre o sujeito e o Rorschach. Olhámos as respostas dadas seguindo três níveis de análise: o primeiro, que considera os princípios estabelecidos por Rausch de Traubenberg (1970/1990) e Chabert (1997/1998 e 1998/2000); o segundo, que tem em conta os estudos de Marques (1999) sobre a natureza da simbolização no Rorschach; o terceiro nível que considera os procedimentos específicos nascidos dos objectivos estabelecidos para este estudo, ordenados fundamentalmente em torno das questões do vazio, e da sua intolerância, e dos processos melancólicos.

---

(\*) Realizado a partir da Tese de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica com o mesmo título, defendida publicamente no ISPA, Junho 2006.

(\*\*) Psicóloga Clínica.

(\*\*\*) Psicóloga Clínica, Professora Associada do Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

PENSANDO DEMÉTER.  
 COMO TUDO PODE SER RESUMIDO À ARIDEZ  
 DE UM CAMPO FINITAMENTE FECUNDO

O mito de Deméter. Deusa dos cereais. Perde a filha Perséfone, começa uma busca, recusando alimento aos humanos. As terras ficam áridas e inférteis.

Quase desiste, senta-se numa pedra e chora. É convidada a cuidar de Demofonte, tenta torná-lo imortal. Não consegue, pede que lhe construam um templo, quer passar aos humanos os poderes de fertilizar as terras, não consegue, vagueia, esvai-se.

As terras envelhecem, mortas, sem vida nem frutos. Zeus intervém, ao aperceber-se da irreduzibilidade de Deméter, fala com Hades, que tinha Perséfone. Hades, deus dos mortos, acede ao pedido de Zeus, mas Perséfone deve regressar sempre para o mundo dos mortos.

Deméter e Perséfone reencontram-se. A terra floresce, quando estão juntas, quando Perséfone se junta a Hades é Inverno, não o inferno da perda, mas o desejo do (re)encontro.

Pensámos o mito e fomos-nos aproximando ao que poderia ser um esboço deste sentir, um caminho que se pode aproximar de outros caminhos.

Uma Deméter que procura enlouquecida o que perdeu. Mulheres que procuram o que nem sabem perdido.

Retirámos do mito alguns tempos, tempos e espaços que vão acompanhado e que nos permitem pensar o mito e a jornada de Deméter no (re)encontro de Perséfone.

... Ps→Ps→/PERDA/→catástrofe (vazio)→aproximações a D→  
 Antes, o infinito Procura (Demofonte)  
 eterno e igual

→Ps→Ps→Ps→Ps→/O TEMPLO/→catástrofe (vazio)→Ps→  
 Catástrofe Catástrofe

→Ps→Ps→/(RE)ENCONTRO/→D→Ps→D→Ps→D→ ...  
 Deméter+Perséfone Tolerar perder, permitindo  
 o desejo do (re)encontro

De mulheres pobres a Deméter, de esvaziamentos a procurar, de fomes a impossibilidades de alimento...

PERCURSOS DE SUJEITO E OBJECTO  
 FACE À PERDA. TEORIA PSICANALÍTICA

Procuramos então pensar o percurso feito entre a onipotência, a presença permanente e o

reconhecimento da falta, o tolerar a ausência desejando o (re)encontro, significando o objecto que se (des)mobiliza numa procura, que parece ameaçar sempre com uma morte de desejo, que parece sucumbir numa procura esvaziada de sentido.

Para isso procurámos outros que tenham pensado vazios, a melancolia, a perda de objectos, lutos que não se fazem porque objectos não são reconhecidos como outros, outros que não existem fora de sujeito. Pensamentos sobre os mecanismos de sujeitos face a perdas, as consequências da perda, as diferentes formas de poder ou não perder.

Pensamentos e conceitos que podem ser os trilhos de caminhos percorridos por sujeitos de vazio. Nos textos publicados em 1912 e 1924, Abraham em *“Préliminaires à l’investigation et au traitement psychanalytique de la folie maniaco-dépressive et des états voisins”* e em *“Esquisse d’une histoire du développement de la libido basée sur la psychanalyse des troubles mentaux”*, fala da expulsão e consequente reintrojecção oral, a incorporação destrutiva do objecto. Perante uma perda demasiadamente pesada para o sujeito a poder pensar e elaborar, o sujeito melancólico incorpora o objecto perdido, de forma a poder nunca perdê-lo, perdendo no entanto as diferenças entre sujeito e objecto e as possibilidades de poder transformar essa perda/ /morte num processo transformativo aberto, e não num sistema fechado de objectos que são sujeito, que são amados, odiados, que são presença e ausência, que são alimento e fezes, que são imprescindíveis e mortíferos.

A sombra do objecto que cai sobre o eu: em *“Luto e Melancolia”*, escrito por Freud em 1917, mostra-nos a impossibilidade do vínculo sobre o que se perdeu, a impotência perante a ida e a vinda do objecto, perante a transformação consequente no sujeito e no objecto, o sacrifício do sujeito à pulsão de morte, ao vazio, ao lugar deixado pelo que se perdeu. Em cima do vazio deixado pelo objecto, pela falta, ou o sujeito pensa o objecto e a falta, transformando os lugares deixados vazios em si, ou o sujeito deseja inevitavelmente retornar ao estado originário, pela mão da pulsão de morte, e a dor e a separação não existem. A negação enlouquecida da separação, da diferença e da distância, a anula-

ção da diferença sujeito objecto, as sombras que caem sobre vazios, e ensombram sujeito e negam objecto e a falta.

A introjecção que ameaça sujeito e objecto: Klein nos textos “*Uma Contribuição à Psicogênese dos Estados Maníaco-Depressivos*” e “*O Luto e suas Relações com os Estados Maníaco-Depressivos*” publicados respectivamente em 1935 e 1940 reflecte a forma como o objecto, sendo perdido, leva a que o sujeito não tenha quem culpar da perda desse objecto, a não ser o próprio sujeito e, segundo Klein, é esta mudança a responsável pelos sentimentos de culpa do sujeito. Em vez do sofrimento pela perda do outro, surge a raiva, causa e consequência da perda do objecto. Quando o objecto passa para dentro do sujeito, com intenções de o preservar, fazendo com que passe a fazer parte do sujeito, há sempre também um movimento de destruição do objecto. Para Klein, a introjecção é um processo ténue e o objecto, tornado sujeito através desse mecanismo, é periodicamente consumido, negado pela incorporação, ou expellido, negado pela externalização.

Incorporação ou a magia de não perder: Abraham e Torok no texto de 1972 “*Introjecter – Incorporer. Deluil ou Mélancolie*”. A cura mágica pela incorporação dispensa assim todo o trabalho doloroso do luto. Absorver o que falta, sob a forma de alimento, imaginário ou real, quando o psiquismo está de luto, é recusar o luto e as suas consequências, é recusar introduzir em si a parte de si mesmo depositada no que foi perdido, é recusar saber o verdadeiro sentido da perda.

O vazio e o acto de fé sobre o regresso: Grotstein “*O Buraco Negro*” (1999). O nada é necessário para sustentar o regresso do objecto que se afasta, permitindo o eventual desenvolvimento da constância do objecto, através da aquisição do ciclo  $\Leftrightarrow$  partida  $\rightarrow$  antecipação vazia  $\rightarrow$  regresso  $\Leftrightarrow$ . A incapacidade de tolerar a falta, segundo Grotstein, pode degenerar em insubstância, conduzindo a uma queda ainda com mais custos para o sujeito no nada desintegrador do Buraco Negro.

A pobreza que sustentam e a aridez, a pobreza de recursos, a infecundidade do seu mundo interno, o vaguear assombrado, sem recursos que possam fertilizar a terra, que agora sabemos

morta, e dela possam surgir pensamentos, lutos, desejos e transformações. Deméter sucumbe a uma perda, tal como nos parece que as mulheres pobres e empobrecidas sucumbem, algumas procurando, sem poderem encontrar, persistindo na falta, procurando o ser miserável de pensamento como salvação. Se a ausência, a perda e a falha de Deméter e nas mulheres pobres que vimos, passam a ser o lugar do insuportável e do desamparo, o sujeito só pode condenar-se à dor de nunca perder, de nunca desejar, nem transformar.

Tendo como ponto de partida a impossibilidade do ciclo  $\Leftrightarrow$  partida  $\rightarrow$  antecipação vazia  $\rightarrow$  regresso  $\Leftrightarrow$ , pela intolerância ao vazio, que é morte de sujeito e objecto, surgem-nos os objectivos deste estudo.

#### OLHAR O VAZIO. OBJECTIVOS DO ESTUDO

O ciclo partida/ausência  $\approx$  perda, catástrofe, vazio, falha  $\rightarrow$  procura-se  $\rightarrow$  o vazio não existe, outros substituem outros, os outros não existem  $\rightarrow$  esvaziamento  $\rightarrow$  perda, catástrofe, vazio, falha  $\rightarrow \infty$

Procuramos pensar o percurso feito entre a onipotência, a presença permanente e o reconhecimento da falta, o tolerar a ausência desejando o (re)encontro; procuramos significar o sujeito que se (des)mobiliza numa procura, que parece ameaçar sempre com uma morte do desejo, que parece sucumbir numa procura esvaziada de sentido, numa procura caracterizada pelo desconhecimento do que se quer encontrar.

Qual o lugar do sujeito? E que objectos serão estes que parecem também não ter as qualidades ou as condições para serem agarrados e pensados? Que mundo interno? Que vazio? Como se sustenta? Como se existe e se insiste assim? Como emerge o Outro, qual o lugar do Outro? Qual o investimento no Outro?

Tomamos como ponto de partida uma intolerância ao vazio que permitiria o pensamento, vazio esse que inunda, que implode todas as capacidades. Face ao vazio, que nada mais é que tudo o que as rodeia, como se confrontam com um novo objecto? O que sai desse encontro?

A avidez, e todo o contínuo da sua existência, que esvazia à sua extinção, desinvestimento

máximo, até de objectos que mesmo mortíferos, não se podem, ou não se querem mais incorporar. Em que ponto desse continuo estarão os sujeitos a ser pensados?

Haverá possibilidade de encontro? Um encontro menos mortífero, onde um outro objecto possa ser reconhecido? Ou o encontro será o lugar do desinvestimento e/ou de movimentos de desvitalização?

E quais as qualidades desse encontro? O sujeito pega no objecto, agarra-o? Ou tenta pegar nele de mãos fechadas? Há espaço no sujeito para um novo objecto?

E quando o objecto é agarrado? Quais as consequências desse encontro de sujeito de vazio e um novo objecto? Que modificações sofre o sujeito e o seu vazio? E o objecto, mantém-se como outro diferente ou é assimilado e depois destruído? E que rastros poderemos observar desse objecto? Que tipo de objectos sairão desse novo encontro, que qualidades terão?

Tendo em conta a especificidade dos objectivos que nos propomos atingir, parece-nos que só um instrumento igualmente específico nos poderia responder às questões por nós colocadas.

O Rorschach apresenta-se-nos como um instrumento privilegiado de avaliação psicológica, ocorrendo sempre num contexto clínico, no qual se cria uma relação específica e singular entre dois sujeitos. Esta relação é então mediatizada pelo Rorschach, visando aceder ao funcionamento psíquico do sujeito. Mas o Rorschach possibilita-nos, assim o queiramos, muito mais: permite-nos clarificar a natureza e as modalidades de funcionamento que caracterizam a forma como o sujeito vive e se vive na relação consigo e com os outros.

A partir de Marques (1999), entendemos que a actividade mental subjacente ao processo-resposta Rorschach, supõe uma actividade de ligação, transformação e criação construído entre o interno e o externo, entre sujeito e objecto, organizada numa relação onde obrigatoriamente participa a intersubjectividade.

Como ligar, transformar, criar, quando tudo é vazio? Como definir interno e externo nestes sujeitos, já que interno é buraco negro que suga, e externo é tudo o que pode servir para preencher este buraco, esvaziando ainda mais o sujeito.

Este processo, de acordo com as teorias das relações de objecto e das transformações, viabilizará o acesso às significações, à simbolização e à criação de novos objectos. Que novos objectos serão estes? Serão novos? Que qualidades terão?

Como será essa simbolização, a subjectivação, que implica o aceitar do vazio, que expressão terá no Rorschach a intolerância ao vazio?

Se pensarmos no processo de resposta Rorschach, como um processo que provoca um sentimento de caos, de dispersão, de vazio de sentido, como lidarão os sujeitos com estes sentimentos de vazio, a esta necessidade de criação e transformação? Que mecanismos serão usados, face a este novo objecto que será apresentado, face à sua dispersão e face à necessidade de dar uma resposta, que dê sentido a este novo objecto?

Como será possibilitado ao sujeito o deixar-se ir, a expectativa negativa, face a um novo objecto?

COM UM ARCHOTE NA MÃO,  
A OUTRA MÃO VAZIA.  
FORMULAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE  
ANÁLISE DAS RESPOSTAS RORSCHACH

Propomo-nos olhar os protocolos de Rorschach, tendo em conta três níveis de análise: o primeiro, considera os princípios estabelecidos por Rausch de Traubenberg (1970/1990) e Chabert (1997/1998) observando a representação da imagem de si e da relação através da análise inter e intra cartão, tendo em conta o nível de significação simbólica de cada cartão e o valor interpretativo consignado nos factores de cotação; o segundo, tem em conta os estudos de Marques (1999) sobre a natureza da simbolização no Rorschach, fundamentados a partir dos conceitos de relação, comunicação, interpretação e simbolização. O processo – resposta Rorschach será concebido através da noção alargada de identificação projectiva, não (só) do ponto de vista patológico, mas a identificação projectiva, que permite a empatia e a comunicação entre o sujeito e o objecto. A identificação projectiva será a noção que melhor dá conta quer da situação Rorschach, quer do processo – resposta Rorschach, pois a situação é constituída por um objecto externo, e por uma relação que lhe serve de suporte, e todos

estes elementos impõem uma actividade de comunicação entre o interno e o externo, entre sujeito e objecto, marcada por uma confusão e indistincção obrigatórias, para que depois surja a separação, a diferenciação, o crescimento.

O terceiro nível considera os procedimentos específicos nascidos dos objectivos estabelecidos para este estudo, ordenados fundamentalmente em torno das questões do vazio, e da sua intolerância, e dos processos melancólicos.

*O templo – Esboços de continente para conteúdos sem sentido*

A percepção do novo objecto/mancha poderia ser ligação, vínculo, desejo de transformação e de novo, mas parece-nos que o novo objecto/mancha lançará o sujeito na estranheza, na incoerência, na lógica da dispersão e da procura enlouquecida de significados.

A forma como os sujeitos se posicionam face à tarefa proposta, oscilará entre o pólo da avidez ainda existente, ou do desinvestimento: por um lado, uma excitação quase maníaca, uma sucessão de respostas, de significados, de imagens incoerentes entre elas, sucessões de objectos que possam encher vazios, manipulações do

cartão, tempos de latência baixos, procura enlouquecida e esvaziada de objectos; por outro lado, uma forma mais passiva, agressiva e destrutiva, nomeação de objectos, poucos, os suficientes para que tudo termine rapidamente, sem presença efectiva e afectiva de sujeito, sem que o novo objecto/mancha suscite curiosidade, ou deslumbramento. Desistência, esforço, incapacidade de processos de ligação e transformação.

Sujeito e objecto pouco estarão presentes nas respostas dadas. O vazio instalado, ou a luta contra ele, parecem-nos as únicas presenças. Ligar, fazer passar novos objectos/mancha por dentro de sujeito que é vazio, buraco negro que suga, será esse vazio que inevitavelmente aparecerá na resposta final.

Estaremos igualmente, se não mais ainda, atentos, ao que poderão ser os movimentos de vida, de ligação, de transformação. Pequenas sequências que poderão dar conta de uma saída, mesmo que ténue, de um aceitar e desejar um outro, que possa ser pensado.

Tal como em Deméter, um dia foi possível o encontro. Que caminho poderá ser esse o do (re)encontro com algo que se procura e que se aceita como diferente, como Outro, sujeito e objecto de desejo?

Vazio face a um novo objecto (RCH) que se tem de significar

Avidez	Desinvestimento
<i>G's para encher o vazio. Continuar.</i>	<i>G's para encher o vazio. Parar.</i>
<i>D's como forma de dividir G e ter mais objectos</i>	<i>Poucos D's</i>
<i>Dbl interpretado como forma de delimitar e conter o vazio.</i>	<i>Dbl ignorado. Evitar olhar o vazio que é dentro. Fugir.</i>
<i>Apego excessivo ao real G% ↑, sofrendo as vicissitudes da subjectividade que não se pode sustentar F% ↑ e F+% ↓</i>	
<i>Poucos K. Dificuldade espaço transitivo onde não se é sujeito nem objecto, e ao mesmo tempo é sujeito e objecto.</i>	
<i>Cor excitação maníaca.</i>	<i>Cor provoca estranheza.</i>
<i>Dificuldade delimitação clara objecto (pastel).</i>	<i>Dificuldade delimitação clara do objecto (pastel).</i>
	<i>Invasão sem capacidade de conter.</i>
<i>Branco provoca desinquietação e desconforto face ao não objecto.</i>	
<i>Fascínio pela ausência. Procurar.</i>	
<i>Esbatimentos evocam a procura do objecto que se esbate, que estava lá e já não está, ainda está...</i>	<i>Esbatimentos evocam uma delimitação difícil do objecto, desistência.</i>
<i>Objectos bizarros, compactados, amálgamas.</i>	<i>Objectos atirados como pedras, isto, isto, isto...</i>
<i>Realidade da prova investida não na procura de um verdadeiro outro, descobri-lo, (re)significá-lo, mas como forma de encher vazios.</i>	
<i>Confronto com o novo objecto, agarrar, largar, pegar noutra objecto sempre com o rasto ainda do primeiro objecto, assimilando e absorvendo as características de um no outro.</i>	<i>Confronto com o novo objecto, agarrar, largar, vazio, agarrar, largar, vazio, agarrar...</i>

O caminho interno – que pode ser pensado como o caminho ao longo dos cartões, na sucessão de respostas e encontros – da onnipotência, do não reconhecimento de outros, objectos que são iguais em tudo a tudo, ao vazio. A criação onnipotente, a sucessão maníaca de respostas, a produção infértil de imagens que se sucedem sem fim.

Até ao rapto do sentido: a presença de cor, um cartão mais aberto, mais vazio e branco, a perda. A perda de um outro/mancha que sustentava uma produção, um movimento louco, infértil, destrutivo, já que o objecto não era um outro.

A procura agora desenfreada, enlouquecida de objectos, algo que possa dar corpo ao vazio, para que se possa prosseguir, produzindo nada mais que coisas que encham o vazio e iludam o sujeito face ao que não tem, nem pode ter.

Procura de objectos que encham, que possam fazer com que a onnipotência da resposta, agora impossível, retorne, e objectos, outros, possam tomar o lugar de sujeito, possam fazê-lo avançar, mesmo que avancem tão só para onde vieram, o vazio de dentro e de fora, o vazio de sujeito e objecto, o vazio das possibilidades de criação.

Alguma acalmia pode ser encontrada, face a objectos/templos com características mais contedoras, que possam temporariamente acolher e conter fomes e desesperos que são vazios de desejo de encontrar realmente. Mas o interno não os pode manter. Descobertas e reveladas as fragilidades de objectos que pudessem conter, que pudessem dar conta de caminhos de novas descobertas, de outros diferentes de sujeito, voltam as sucessões enlouquecidas de respostas, de objectos que encham, de produção infértil.

Os templos de objectos que podem ser evocados, os templos onde podem parar um pouco, mas só um pouco. O templo do pensamento e da transformação revelaria o interno vazio, dormente, ávido ou desistente.

Até ao momento do (re)encontro, tolerando sujeito e objecto, início e fim. Aceitar que objecto seja presente e ausente, seja vários infinitos, e não só objecto que enche vazio. Que objecto seja desconhecido, dúvida, objecto de pensamento, de encontro e de ausência, de significação e de (des)significação, que sujeito respeite as suas características e o nomeie, sem que esse nomear seja, nem perder o objecto, nem

ganhá-lo para sempre. Que o processo de construção de significados, de respostas, seja um processo dinâmico e flexível, e possa ser de novo (des)construído e seja de novo dúvida e dispersão. Que um objecto, que uma resposta, possa ser agarrada e perdida de novo, que a angústia vinda da ausência de significado, de sentido, possa ser contida, não dando lugar de novo a uma procura onnipotente de algo que nunca pode ser, nem estar, nem chegar a ocupar contornos de vazio.

O não sentido, a dispersão, presente no processo de resposta Rorschach, pode ser o início de um caminho onde sujeito só pode perder, e perder-se, ao perder sentido(s), ao iludir-se numa procura que tem apenas em conta o vazio, e o seu preenchimento. Pode também ser o caminho de presença e ausência, de verdadeiros objectos que se nomeiam, que se procuram, num caminho do desejo do (re)encontro, de verdadeiros caminhos, sempre novos, sempre desconhecidos, que permitem a criação fértil, porque finita, porque objecto encontrado é objecto e sujeito, não apenas vazio que se quer esvaziar mais ainda.

Tal como Deméter, o sujeito pode caminhar numa sucessão infinita e infértil de respostas, de objectos que se criam, que encham, até que algo denuncie a fragilidade dessa criação, que nada mais é que forma de anular diferenças, distâncias entre sujeito e objecto. Essa denúncia, a impossibilidade de criação infinita, deixa o sujeito no vazio de significado, e de sentido, na procura de algo que não se pode ter.

Pode também, e esperamos que nalgum momento o faça, caminhar no percurso do pensamento, da verdadeira criação e transformação. Pode significar, sem medo da ausência de sentido, pode procurar, desejando o (re)encontro, e outro diferente após a partida. Pode aceitar a dispersão, permitindo-se a sucessivos actos de fé no regresso do objecto e do sentido.

Serão estes os procedimentos, os pensamentos que nos acompanharão na descoberta de um outro. Pensamos poder significar os sentidos dos movimentos das suas respostas, face a uma tarefa que sabemos à partida difícil, mas será para nós reveladora dos movimentos, dos percursos, das procuras em vazios.

## COMO VAZIOS SE (DES)MOBILIZAM NA PROCURA

Para este estudo observamos caminhos feitos na procura de objecto e de sentido em duas mulheres. Uma, *Florabela*, mulher pobre e empobrecida, e como o nosso caminho foi o caminho que ia da pobreza externa para a aridez do mundo interno, para o vazio e os caminhos da melancolia, procurámos outra mulher, *Fátima*, com uma estrutura melancólica. O nosso objectivo não é o de comparar diagnósticos, ou estruturas de funcionamento, mas observar caminhos percorridos no encontro com objectos, significar sujeitos que se mobilizam numa procura e pensar atentamente as diferentes forma dessa procura.

Observamos dois vazios, e duas formas de (des)mobilização face a esse vazio. O vazio que é procura, e o vazio que é vazio.

O vazio de *Florabela*, a sua procura é a insistência, a loucura de querer encontrar o que não pode ter, o fascínio pelo objecto perdido, que a faz mergulhar no branco e procurar, procurar, procurar. No cartão X “*V Vários bichos minúsculos. D laterais. Quem faz estes desenhos são psicólogos, não são? Devem ser pessoas que fazem coisas abstractas para o desenvolvimento mental. Este é o mais complicado. Pequenos animais, mas só as partes essenciais deles. Cavalos marinhos que se apegam a um humano. D verde central. Deve ser o pensamento de uma pessoa. Em G. Dois olhos. Dd amarelo. Rosto. Em D, no 1º terço. Dois ursos. Medo. Aquilo que a gente tem e não sabe idealizar o que é. É o pensamento de qualquer coisa. Ratinhos que estão à volta do nosso cérebro. Coisas que metem medo. Vira o cartão. Em G. Um pau. Dois sinos de lado. D cinza superior. Figura de duas pessoas. Dd do D rosa lateral. No meio sai tipo o desenho de uma criança sentada. Dbl. O desenho branco. Em como à volta, os azuis e o verde estilo felicidade. Dd azul e verde. Duas pessoas unidas por uma criança. D lateral rosa, dbl. A felicidade. Em G. Visto de um lado é uma coisa, de outro é outra. Que confusão! O amarelo e o verde não faz sentido. Os abstractos, existe o meio em todos os desenhos. É colado e deixam retirar isso. Como também pode ser um desenho nítido, um foco nítido. Como tem o borrão todo*

*branco, pôs o branco para ver as imagens nítidas. Por trás de tudo isto há uma imagem nítida. Imagem de medo, ao mesmo tempo mete felicidade. É muito abstracto. O desenho lateral não é igual ao central. Há um foco no meio. O que está por trás foi tapado pelo branco. Ao contrário é o horror. Medo”.*

Procurar imagens, objectos que possam ser equivalentes e substitutos do objecto perdido. Procura, iludindo o vazio da perda e da ausência, negando-o, mobilizando-se numa procura infinita e enlouecedora: no cartão VII, no Dbl central “*está uma imagem por trás do branco. Havia uma imagem por trás do branco que vocês tiraram. Há um foco. Uma imagem nítida”.*

O vazio de *Fátima*, é vazio de nem procurar, nem desejar o (re)encontro. É fugir do que pode ser ausência, é o negativismo, é desistir. São objectos que por ela passam, entretendo, mas nunca sendo realmente objectos. Um vazio que assiste e que desiste. Um desamparo, uma solidão ruidosa de tanto silêncio: no cartão I em G “*uma água.... Tenho que ver bem... não digo mais”.*

O vazio deixado pela perda, pela ausência do objecto.

Em *Florabela*, a onipotência da procura, a avidez da fome, querer mais e mais e mais. Procurar sempre outros, enganando o vazio. Mas o vazio assim saciado, esvazia ainda mais, porque objecto não é (re)conhecido como tal, apenas serve como corpo presente, que pode adormecer a fome, mas não alimentar, destruindo as possíveis capacidades de pensar e transformar.

Em *Fátima*, a renúncia ao outro, a avidez que é fome, e que se esbate, e o vazio que impossibilita sequer a vontade de comer. A fome deixa de existir, não quero, não quero, não quero. O vazio é vazio, sem ilusões ou desejos. Outros. Para quê? Porquê? Não quero. Desisto. Desamparo, desapego, vazios de vazio que já não são fome, nem desejo de (re)encontrar: no cartão X “*Um burro. Um gato. Cinza lateral. Uma piscina, branco entre azul médio e rosa, não, várias piscinas naturais, de oceanos, do mar... Rochas. Folhagens. Em G”.*

Como se o mito de Deméter terminasse no desinvestimento que faz nela e nos outros, sentada numa pedra, envelhecida nas suas capacidades para transformar e pensar. *Deméter* perde, *Fátima* perde, e desiste, sem caminhos,

sem procuras. A falta. Como se pudesse saber que nenhum objecto pode ser o que perdeu.

Com *Florabela*, após a perda, o caminho é o do encontro, da avidez, o caminho do desejo enlouquecido de algo encontrar, já que os mecanismos primários e onnipotentes permitem que todos os outros possam ser o objecto perdido. Mas o interno que é vazio vai sofrendo com os restos de todos que estão dentro, e o interno mesmo vazio, fica estranho, aos bocados, como se a recuperação e o (re)encontro com um Outro pudesse ser feita de reconstruções de bocados de outros que são dentro, e logo depois são postos fora. Uma procura possibilitada pela anulação da diferença, pela possibilidade de todos poderem ser tudo. Como se imaginasse, que ao ter todos e tudo, algum objecto poderá ser o que perdeu: cartão VII “*Por baixo do desenho havia uma coisa que tiraram.* No Dbl central. *Tipo eclipse. Fizeram o desenho por cima e ficou isto. Mas por trás há uma sombra. Há um desenho por trás*”.

*Florabela*, após a perda, a ausência de objecto/sentido, procura, despojando-se na procura, empobrecendo, caminhando por terras inférteis e áridas, a avidez de uma fome que nunca pode ser saciada. Vazio.

*Fátima*, após a perda, a ausência de objecto/sentido, pára, despojando-se logo na partida de objecto, ficando no que é interno infértil e árido. A desistência de uma fome que se calou: cartão III “*Vejo pessoas... É só.* Em G”. Vazio.

Vazio que procura no vazio, *Florabela*, que usa mecanismos primários na luta contra a perda do objecto. Vazio que esgravata em terra morta, que nada pode esconder. Só aumenta mais a confusão, a ilusão que o objecto poderá estar no infinito que é qualquer lugar. As estadias temporárias de objecto dentro, a expulsão desses mesmos objectos, que vão deixando restos deles mesmos dentro do sujeito. E o interno vai ficando cada vez mais despojado de sentido. A procura enlouquecida é a única forma de continuar ilusoriamente a acreditar que se sabe o que se procura, e que se pode ter o que se quer encontrar. Avidez que é fome permanente, que é impossibilidade de alimento que sacie, que é alimentar-se de tudo o que pode equivaler a alimento. Cartão IV “*Um morcego.* Imagem invertida em G. *O focinho de uma vaca. Quando são malhadas fica assim o*

*branco.* Intermaculares dbl no 1º terço, central. Na posição normal, *Um dragão. Como pode ser uma árvore voltada ao contrário*”.

Vazio que é vazio, *Fátima*. Que desiste, mergulhada no interno que é vazio e falta e nada. É uma fome que se cala, e que define, a renúncia ao outro, a tudo. Despojada e (des)assombrada, *Fátima* fica-se, sentada, sabendo que nada pode cobrir de cheio o vazio que sente. Procurar para quê? Outro, para quê? No cartão VI: “*Uma baleia... aberta... em G. São todos assim, escuro... não gosto dos desenhos negros, não gosto do escuro, gosto mais do branco... Deve ter um motivo para ser assim...*”.

Dois formas de não elaborar lutos e perdas, ausências. Uma negando a perda, loucamente à procura; outra, com o peso da falha, da falta, da ausência a toldar tudo o que poderia ser avançar, transformar, pensar o que foi perdido.

#### REFERÊNCIAS

- Abraham, K. (1912/1966). Préliminaires à l'investigation et au traitement psychanalytique de la folie maníaco-dépressive et des états voisins. *Oeuvres complètes II. Développement de la libido. Formation du caractère. Études cliniques.* Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- Abraham, K. (1924/1966). Esquisse d'une histoire du développement de la libido basée sur la psychanalyse des troubles mentaux. *Oeuvres complètes II. Développement de la libido. Formation du caractère. Études cliniques.* Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- Abraham, N. & Torok, M. (1972). Introjecter – Incorporer. Déluil ou mélancolie. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 6. Paris: Gallimard.
- Chabert, C. (1997/1998). *O Rorschach na clínica do adulto.* Lisboa: Climepsi.
- Chabert, C. (1998/2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach.* Lisboa: Climepsi.
- Freud, S. (1917). Luto e melancolia. *Edição electrónica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Grotstein, J. (1999). *O buraco negro.* Lisboa: Climepsi Editores.
- Klein, M. (1935/1986). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945).* Imago Editora.



- Klein, M. (1940/1986). O luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Imago Editora.
- Marques, M.E. (1999). *A psicologia clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Rausch de Traubenberg, N. (1970/1990). *La pratique du Rorschach*. Paris: Presses Universitaires de France.

## RESUMO

No presente trabalho, as autoras propõem-se pensar as questões do vazio. Quais os mecanismos psíquicos de sujeitos face às perdas, as consequências da perda, as diferentes formas de poder ou não perder. A partir do mito de Deméter, e da sua procura, e tendo como ponto de partida a impossibilidade do ciclo  $\Leftrightarrow$  partida  $\rightarrow$  antecipação vazia  $\rightarrow$  regresso  $\Leftrightarrow$ , pela intolerância ao vazio, que é morte de sujeito e objecto, procuramos aferir que encontros permite este ciclo, e quais as qualidades desse mesmo encontro.

Para que isso fosse possível, foi usado o Rorschach, pensando o processo resposta como um processo que provoca um sentimento de caos, de dispersão, de vazio de sentido. Como lidarão os sujeitos com estes sentimentos de vazio, com esta necessidade de criação e transformação? Que mecanismos serão usados face a um novo objecto que será apresentado, face à sua dispersão e face à necessidade de dar uma resposta, que dê sentido a este novo objecto?

Dotando o Rorschach de novas dimensões de análise, específicas para este estudo, permitimo-nos

observar caminhos percorridos no encontro com objectos, significar sujeitos que se mobilizam numa procura e pensar atentamente as diferentes formas dessa procura.

*Palavras chave:* Avidez, Desistência, Luto, Melancolia, Procura interminável, Rorschach, Vazio.

## ABSTRACT

In this study, the authors propose to consider the issues of emptiness. What are the psychic mechanisms of individuals against losses, the consequences of loss, the different forms of subjects being able to lose objects.

From the myth of Demeter, and its demand, and taking as its starting point the failure of the cycle  $\Leftrightarrow$  departure  $\rightarrow$  empty anticipation  $\rightarrow$  return  $\Leftrightarrow$ , by intolerance to the void that is death of subject and object, we pursue the meanings of this cycle, and what are the qualities of that meeting.

To make this possible, we used the Rorschach, seeing the Rorschach response process as a process that causes a feeling of chaos, fragmentation. How will the subject deal with these feelings of emptiness, this need for creating and processing towards meaning? What mechanisms will be used, when facing this new object, considering its chaos?

Providing the Rorschach with new dimensions of analysis, specific to this study, we will observe the different paths followed by subjects in the encounter with objects, toward a possible meaning.

*Key words:* Emptiness, Endless search, Greed, Melancholia, Mourning, Rorschach, Withdrawal.

